RESUMO
Esta pesquisa traz o hip-hop como um movimento que rompeu com muitos paradigmas e se tornou uma arte tão valorizada que este ano foi apresentado ao mundo nas Olimpíadas de Paris. Para tanto realizamos revisão bibliográfica da história utilizando os descritores hip-hop. Seleciona-se o hip-hop como sobre o tema, pois se espalham por diversas áreas do conhecimento, no entanto são raros os estudos sobre práticas desta cultura urbana em locais antes não imaginados como por exemplo a Olímpiada. Concluímos que há a necessidade de novos estudos sobre o hip-hop que demonstrem diálogos. O artigo propõe observar elementos gerais referentes à construção de um estilo de vida hip-hop em termos de suas origens históricas de uma cultura planetária e, em especial, como fator preponderante para a configuração geracional, a dança, quais são as outras linguagens artísticas que envolvem este movimento. Entendemos que isso foi de grande vantagem em vários aspectos, onde a cultura hip hop pôde ganhar mais voz e evidencia. Para isso, se discute algumas trajetórias biográficas concernentes a uma configuração da cultura hip-hop vivenciada por jovens, compreendida como mecanismo produtor de orientações coletivas para uma determinada visão de mundo. Logo, podemos imaginar o quão amplo é esse tema, no qual gira entorno de diversos fatores, entre eles o social e econômico. Observamos que a presença dessa cultura nos jogos olímpicos foi de grande impacto socioeconômico, o que o tornou mais evidenciado principalmente aqui no Brasil, onde vem crescendo e se destacando cada vez mais. Com isso, o hip hop conseguiu se conectar mais com a cultura urbana nas grandes cidades, onde a "esportivação" dessa cultura que está atrelada a resistência social e a expressão artística periférica, tomou forma pelo mundo. Nos dias de hoje, o Hip-Hop atravessa barreiras que, em outros tempos, jamais atravessaria, havendo muitas vezes preconceito por ser um estilo considerado mais periférico. Traremos aqui um estudo focado nessas mudanças/evoluções pelo qual a sociedade passou, e principalmente o quanto esse movimento foi se tornando cada vez mais visado e valorizado nas regiões urbanas, inclusive sendo considerado uma importante arte. Veremos o quão importante é esse movimento para nossos jovens, e as diversas formas de se expressarem através do hip-hop, já que essa é uma forma de expressão, não apenas musical, mas também corporal, social e cultural onde permanece viva há décadas e só vem se fortalecido ao longo dos anos, marcando gerações ao mesmo tempo que nos traz novas vertentes e estilos. Portanto, iremos embarcar em um mundo de descobertas de uma cultura, até então, desconhecida para a grande maioria das pessoas; pois poucos de nós a conhecemos de fato e por isso não somos capazes de apreciá-la como deveríamos.

PALAVRAS-CHAVE: Hip-hop. Cultura. Juventude.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo trazer uma arte popular entre grupos de rua se transformar em uma atividade pedagógica que traz benefícios de integração, mediação na dança Hip Hop como esta arte urbana traz benefícios para as ações coletivas nas áreas periféricas.

Esta pesquisa surgiu como uma reflexão sobre como a arte popular pode trazer impactos sociais. A partir das reflexões sobre dança, acrescidas do desejo de investigar o contexto do hip-hop, estabelecendo relações sobre como os signos desta cultura estão presentes no cotidiano de grupos, principalmente grupos periféricos ao redor do mundo.

Sabe-se que o Hip Hop nasceu no bairro Bronx, na cidade Nova Iorque, por volta da década de 1960 e representava o encontro dos jovens negros nas ruas dos subúrbios americanos, os guetos, onde ocorriam diversos problemas de ordem social, como a violência, a pobreza, o tráfico de drogas e o racismo, além de uma grande carência de

educação.
O hip-hop é composto por música, arte e dança, que ganham corpo em alguns elementos, como: DJ, Disc Jockey, que opera os discos e faz a base das músicas; MC, cantor(a) dos grupos de rap, estilo musical característico dessa cultura; break, representando a dança; e graffiti, como uma forma de expressão plástica/arte.
Não há um consenso com relação à divisão e à quantidade destas formas distintas de expressão e representação da cultura hip-hop. Há autores que falam em três, quatro e até cinco elementos, acrescentando o conhecimento aos quatro já citados. A maneira mais difundida é que são três manifestações artísticas ou linguagens (a música, a arte e a dança) que ganham corpo em quatro elementos.
Em pouco tempo, os elementos começaram a se expandir nos Estados Unidos. Com forte influência da mídia, em especial da televisão e do cinema, rapidamente essa cultura se espalhou por todos os continentes, a começar pela dança e pela música. Um fato que contribuiu muito para que o breaking se tornasse um fenômeno de massa foi o lançamento do filme Beat Street. A inclusão do Breaking nos jogos olímpicos de 2024 foi um marco histórico para a cultura hip hop; pois isso o tornou mais notório em todos os aspectos, cultural e social, e então passou a ocupar um lugar onde costumava-se a ser ocupado por modalidades exclusivamente esportivas. O Breaking, então, passou a ser considerado também uma modalidade esportiva, entrando no campo de dança e movimento.
Historicamente, o hip-hop se refere ao movimento cultural produzido por jovens negros e latinos, surgido em espaços segregados de grandes metrópoles dos Estados Unidos e da Inglaterra no final dos anos 1960, por intermédio da influência de origem caribenha que chegava aos EUA trazida por imigrantes. Naquele período havia uma profusão de estilos subculturais que se estruturavam gradualmente sob a ótica de uma cultura transnacional, globalizada, como ocorria com o rock, o reagge, entre outros. Com sua inclusão nos jogos olímpicos, o hip hop ganhou maior notoriedade, até mesmo das demais classes sociais. A partir desse momento tal cultura se tornou evidente para uma gama maior de público; até então exclusivamente periférica, ganhou fama entre as demais classes sociais. Dessa forma, passou a ser visto com outros olhos pela população em geral; pois aquilo que era visto como "estilo musical periférico", passou a ser admirado e procurado por novos consumidores de cultura.

O HIP HOP E SEUS ELEMENTOS
O graffiti é considerado como a expressão artística visual do hip hop, no qual é composto por cores vivas, letras estilizadas em locais urbanos como muros, paredes e trens. Assim como as letras do hip hop, o graffiti surgiu para que jovens pudessem se expressar através da arte visual suas ideias, problemas sociais, tais como racismo, violência e as desigualdades sociais presente principalmente nas grandes cidades. Com isso, os jovens se sentiam pertencentes de alguma forma dessa sociedade que, por muitas vezes os censuravam por conta da sua maneira de expressão e de como viam o mundo ao seu redor. Mas com o passar do tempo, o graffiti começou a fazer parte da decoração urbana, tendo sua arte cada vez mais visada e principalmente em galerias de arte, sendo considerada uma arte contemporânea, estando presente em projetos sociais também.
Percebe-se que o graffiti ganhou espaço dentro da sociedade, onde passou a ser visto não apenas como estética para a cidade; mas também como comunicação para a população daquele local.
Portanto, nota-se que o hip hop e o graffiti andam lado a lado, trazendo a oportunidade de jovens que, por muitas vezes, foram silenciados, agora terem voz ativa para se expressarem em forma de música e desenhos artísticos.
Outro elemento muito presente no hip hop é o Breaking (breakdance), no qual é considerado a dança do hip hop, onde contem a mistura de movimentos acrobáticos, giros, criatividade e muito equilíbrio. Esse elemento surge como forma de expressão corporal que, por diversas vezes, se tornou um tipo de rito simbólico em conflitos entre grupos. O Breaking não é considerado apenas uma dança, mas também uma forma de substituir conflitos entre grupos por uma competição artística e assim trazendo um tipo de

“interação cultural”; onde ambos os lados aprendiam e promoviam respeito juntamente com reconhecimento entre ambos os participantes.
Na cultura hip hop, temos também como elemento os MCs, que significam “mestres de cerimonias”, no qual são responsáveis por conduzir o público a criar suas rimas conforme as batidas do DJ. Porém, com o passar do tempo e a evolução dessa vertente, o MC não era mais apenas o que conduzia o público, mas passou a ser aquele que cria e canta suas rimas abordando temas como críticas sociais, crimes raciais, situação política, narrando o cotidiano na periferia e sobre a Cultura. Nesse sentido, o MC é considerado um porta voz da sua comunidade, onde se torna referência, um porta voz da comunidade.
Juntamente com o MC, também temos o DJ que significa Disc Jockey, no qual deu origem a base natural do hip hop. Fazia suas mixagens utilizando dois toca discos para misturar e repetir trechos instrumentais das músicas. Com isso, os MCs criavam suas rimas em cima de batidas marcantes, e os dançarinos (b-boys e b-girl) criavam movimentos ritmizados conforme a música. O Dj Kool Herc se tornou o pioneiro; ele influenciou toda a cultura criando repetições de batidas que passaram a influenciar toda essa cultura. Aos poucos foram aperfeiçoando cada vez mais, e com isso surgiram muitos outros Djs criando técnicas novas como, por exemplo, o scracth e a mixagem. Enquanto o MC é considerado um criador de rimas cantadas, o DJ é considerado o criador das batidas dentro do hip hop, se tornando peça fundamental e versátil para tal, construindo identidade ao movimento.

DESIGUALDADE SOCIAL, EXCLUSÃO E RACISMO

O hip hop surgiu inserido em um contexto no qual era marcado por muita desigualdade social, em um meio periférico onde existia a presença do racismo, violência e a ausência de políticas públicas. O movimento foi criado por jovens negros e latinos, onde viam uma oportunidade de terem voz, criando rimas para traduzir o que sentiam vivendo situações precárias e de racismo estrutural. O hip hop foi criado justamente para dar voz a comunidades que vivenciavam essas situações e com isso, os MCs faziam do rap uma ferramenta para denunciar desigualdades, violência e preconceitos. Com isso, surgiu o graffiti para estampar muros e paredes da cidade com representações artísticas que se destacavam por suas críticas sociais, onde grupos marginalizados se expressavam e buscavam viabilidade para suas reivindicações.
Diante desse contexto de violência, desemprego, racismo, violência policial entre outras situações, surgia uma necessidade de serem vistos e validados, e o hip hop contribuiu bastante para que isso se tornasse realidade, algo que parecia tão distante, agora era reconhecido mundialmente. Finalmente, com a inserção do hip hop nas Olimpiadas de 2024, o movimento ganhou evidência mundial e com isso, suas reinvindicações também. Hoje, ele passou de “apenas música periférica” para fazer parte oficialmente da cultura urbana atualmente, se tornando um grande marco para a cultura. Isso é o hip hop ganhando o mundo e criando intervenções sociopolíticas para aquilo que nunca era visto.

A RESISTENCIA CULTURAL NO HIP HOP

Quando falamos de hip hop, logo vem à mente resistência cultural que, durante muito tempo; era vista como rebeldia pela população não marginalizada. E com isso, diante de tanta desigualdade social, violência e falta de oportunidades, a população periférica viu no hip hop um meio de afirmação identitária, onde poderiam se expressar de diversas maneiras, colocando suas pautas.
Os elementos desse movimento cultural se fazem fortemente presente nessas questões, onde o rap se torna um meio de denunciar injustiças sociais, dando voz aqueles que nunca eram vistos. Já o graffiti faz dos muros urbanos painéis para suas reinvindicações e protestos socioeconômicos, o breack cria palco para movimentos onde se torna uma disputa artística, no lugar da violência e o DJ é responsável por criar as batidas para se tornar a base de tudo isso. Portanto, todos esses elementos trabalhando juntos tornam o hip hop a vertente que defende os interesses periféricos, tornando-os cada vez mais visíveis para as demais classes sociais, porém ainda há muito o que ser feito quan-

to a sociedade referente ao respeito a cultura hip hop; pois percebe-se ainda um certo preconceito com a maneira de se vestir, com o conteúdo que existe nas músicas e vários outros fatores. A sociedade moderna ainda tem muito a evoluir

HISTÓRICO DA PRÁTICA DO HIP-HOP

Inicialmente, cabe ressaltar que, dentre as abordagens sobre juventude, a mais difundida se faz através do conceito de gerações desenvolvido por Mannheim (1952), o qual se refere de uma maneira geral a uma noção qualitativa de tempo e como esse tempo está voltado para um processo incessante de mudança social. Assim, a juventude inserida num processo de formação de uma unidade geracional diversa, frente à subjetividade de seus atores, realiza-se na busca de suas metas íntimas, do espírito de seu próprio tempo. Nesse caso, o que importa é analisar as reações e intenções desses grupos, em especial na contemporaneidade.

A transformação daquela nova manifestação cultural em modismo teve dois efeitos para o 'breakdance', ou 'break', rótulos que a dança recebeu da mídia em todo o mundo, e que não seria diferente por aqui. De certo ponto, popularizou-a, abriu portas para ela e possibilitou sua projeção nos veículos de comunicação. Por outro lado, banalizou-a, dificultando que ela pudesse ser compreendida e assimilada como parte de uma cultura mais ampla chamada hip-hop, dentro de um contexto específico com valores que, além de diversão, incluíam conscientização, transformação e reinserção. O hip-hop que surgiu como um movimento cultural para a emancipação do negro americano na sociedade faz-se presente, hoje, em muitos lugares do mundo, incluindo o Brasil.

Atualmente, o modo de vida dos jovens, nas metrópoles, evidencia essa presença, pois produz música, dança, gíria e gestualidade. Nos esbarramos com seus signos, em nossa própria família, nas esquinas das ruas e nas mídias e de uma forma ou de outra entramos em contato com esta manifestação juvenil.

No entanto, observamos na juventude de maneira geral, e, que muitos utilizam esses elementos sem saber ao certo sua origem, seus sentidos e significados. O hip-hop é prática corporal que revela linguagens historicamente acumuladas, sendo assim, se faz necessário o trabalho com práticas pedagógicas que abordem a cultura hip-hop.

O debate trazido no presente trabalho é a exploração da temática poderá favorecer a compreensão sobre o hip-hop no sentido de propor uma prática crítica, que criou espaços de diálogo com diversos setores da sociedade, numa relação partilhada de reflexões, saiu do território onde surgiu e expandiu para áreas de culturas muito diferentes como centro esportivos e acadêmicos.

O Hip Hop está nas produções como uma prática corporal da cultura urbana, este trabalho traz a reflexão sobre hip-hop procurando analisar práticas do hip-hop nos diversos contextos da sociedade. Algumas questões impulsionaram este trabalho: que abordagens sobre hip-hop circulam pela área da cultura?

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DA CULTURA HIP HOP DA PERIFERIA Á OLIMPÌADA

A dança e práticas corporais são formas particulares da prática social, sintetizando determinadas necessidades, motivos e objetivos histórica e coletivamente produzidos. E essa prática social corrobora a afirmação apresentada e as práticas corporais na escola se alimentam com o que se aprende em casa, na rua, nos clubes, com pais, colegas e amigos, nos/pelos meios de comunicação de massa, especialmente a televisão.

As práticas corporais na sociedade fazem partem de questões epistemológicas, em geral na forma de lutas, ginásticas, esportes, jogos/brincadeiras e danças. Em muitas pesquisas o hip-hop aparece como temática central é citado como um dos conteúdos da aula de dança e/ou como um estilo de dança.

Para analisarmos os possíveis significados da dança como exemplar da cultura corporal e, assim, discutir uma proposição sobre os objetos desta cultura, consideremos a seguinte questão inicial: quais são os critérios para a escolha de um determinado estilo de dança (ex. danças folclóricas, cantigas de roda, hip hop) e/ou de um determinado aspecto da dança (ex. coordenação motora, flexibilidade, criatividade, promoção da saúde, gênero, passos e coreografias.

Se pensar que esta dança veio como tema que problematizava um discurso de sociedade que não tinha voz se que contrapõem os conteúdos tradicionais dos esportes coletivos e T5 o aponta como uma prática corporal que faz parte da cultura juvenil, pois adolescentes e jovens revelam afinidades com certas manifestações da cultura de movimento (hip hop, capoeira, artes marciais, skate, musculação), dependendo de suas vinculações socioeconômicas e culturais.
O hip-hop aparece como uma manifestação da cultura de movimento que os jovens gostam e com a qual revelam afinidades, como reforçado pesquisarem as práticas corporais realizadas pelos jovens chega-se à conclusão de que as práticas corporais artísticas mais comuns entre as crianças pesquisadas foram a dança (samba, hip-hop, pagode, street, funk), o teatro e a capoeira.

SOBRE A TEMÁTICA E A COMUNIDADE PRODUTORA DE CULTURA.

Uma proposta em locais e oficinas nas periferias vem tematizando a forma como a dança é apresentada, com a elaboração de aulas para dialogar e vivenciar com os jovens o que alguns autores chamam de classificação da dança, que engloba o olhar para diferentes tipos de dança. Observa-se que o hip-hop é citado como uma destas temáticas.
Exemplificar uma dança para a sua respectiva categoria de classificação, por exemplo, a quadrilha e o maculelê, pertencentes às danças populares; o tango, relacionado à dança de salão; e o hip hop, à dança de rua, dentre outras.
O hip-hop é uma manifestação que nasceu com os negros periféricos nos Estados Unidos, em busca de lutas por igualdade e acesso à educação e lazer, sendo assim, questões étnico-raciais emergem como uma temática em potencial.
Nestas reflexões sistemáticas, ao longo da discussão os autores apresentam um debate sobre a inserção da temática étnica, muito em função da lei, o Hip Hop se faz presente, mas não uma constante como por exemplo a capoeira que também é uma dança /luta originária dos povos pretos e dança de rua.
Porque, ao aprender capoeira, aborda o processo de inserção dos negros em nossa sociedade, e como isso impactou a modalidade até os dias atuais, no modo de jogar, nas características da luta. Porque não trazer para a pauta como esta dança que se confunde com a luta pelos direitos civis. Porque não incluir a influência do Hip Hop dança especialmente periférica de rua, trazer o grafite a cultura construída pelos jovens brasileiros.
É apenas nesse momento que o hip-hop é mencionado, visto como um movimento social que faz parte da cultura dos jovens brasileiros e que tem influências dos negros.
As questões de gênero apresentam vários problemas sobre a dança, no sentido de desmistificar pré-conceitos estabelecidos na sociedade.
As dificuldades da implementação da dança em espaços não periféricos, pela ausência de conhecimentos, oriundos, inicialmente, da falta de informação reforça o debate sobre a relação de meninos e meninas na dança. Todos estes agravantes, em destaque às atitudes preconceituosas e sexistas, distanciam a dança fazendo com que tais incompreensões sejam pouco exploradas e, em última análise, permanecendo naturalmente arraigadas na concepção do coletivo social como conteúdo para meninas e ensinado apenas por professoras, para além de outras inúmeras manifestações de opressão e discriminação relacionadas ao conteúdo.
No que tange ao trato da dança, observa-se a concentração de manifestações preconceituosas ligadas às questões de gênero, a título de exemplo, pelas condutas e comportamento dos meninos ao acumularem valores sociais, históricos e culturais das compreensões de que determinadas posturas e afazeres são coisas de meninas/mulheres. O debate sobre as questões de gênero se mantém e o hip-hop aparece como uma boa atividade para socialização de meninas e meninos, numa prática coeducativa.
Até o momento, o hip-hop aparece como um conteúdo presente (ou que poderia estar presente) também na Educação, porém não é abordado de forma aprofundada, sendo, na maior parte das vezes, apenas citado como possibilidade de trabalho pedagógico.
Aprofundar o tema e atingem o objetivo proposto de analisar estudos que abordem o hip-hop como uma prática cultural, viu-se que ainda são poucos autores que desvendam este movimento, memo que o breaking, uma

forma de dança urbana ligada à cultura hip hop, fez sua estreia nos Jogos Olímpicos de Paris 2024. Originado nas ruas do Bronx, em Nova York, como já foi dito nos anos 1970, o breaking é conhecido por seus movimentos acrobáticos e estilizados.

Nos Jogos Olímpicos, a competição de breaking incluirá dois eventos: um para homens (B-boys) e outro para mulheres (B-girls). Cada evento contou com 16 competidores que se enfrentaram em batalhas solo, onde foram avaliados por juízes com base em critérios como musicalidade, performance e originalidade. Essa inclusão representa um marco importante para a cultura hip hop, trazendo visibilidade e reconhecimento a um estilo de dança que tem profundas raízes sociais e culturais.

Trazer a temática, para centros comunitários é uma mostra do grande interesse pela cultura hip-hop e identifica características dessa cultura presentes na realidade vivenciada mundialmente.

Segundo as autoras e o autor, o hip-hop está em evidência na sociedade brasileira, e é possível observar características desse movimento em filmes, reportagens e comerciais. Mas alertam que, é preciso ir além dos conceitos estabelecidos pela mídia. Ultimamente este universo está em evidência em nossa sociedade, vemos reportagens de televisão, filmes, novelas e até mesmo empresas têm usado este contexto como tema de seus comerciais para anunciar os seus produtos. No entanto, o movimento do Hip-hop vai além destes conceitos estabelecidos pela mídia internacional.

Fazer uma análise sobre como as danças urbanas são tratadas, ou seja, sobre como são tematizadas, e como são praticadas nos fazem remeter porque ainda não possibilitamos que esta cultura de rua que se tornou arte social não pode ser trazida como tem aparado os muros da escola, como professora percebo que seria um trabalho que poderia iniciar na escola.

Utilizar desta arte como a expressão Danças Urbanas para se referir a todas as danças que integram a cultura hip-hop. Originalmente, o break enquanto elemento do universo da dança no Hip-Hop era considerado um dos quatro elementos, porém, a historiografia do Hip-Hop descreve outros estilos de dança contemporâneos ao Break, e que possuem a mesma matriz étnica, afro-vernacular e nascidas em contextos do Hip-Hop.

Aa pesquisa de referenciais sobre o hip-hop observando sua importância e a possibilidade de ampliar o leque de informações sobre essa cultura, para além do que é divulgado pela mídia. Se tiver a possibilidade de uma roda de diálogo a partir de imagens de discos, rappers, grafites trazidos a fim de desmistificar o Hip-hop como bem de consumo da indústria cultural, evidenciando como movimento sociocultural.

É importante saber que o Hip Hop tem quatro elementos, apresentá-lo em espaços públicos de discussão, como clube, associações de bairro, parques e CDCs, pode ser uma conquista para que esta arte se torne realmente forma de dialogar. Acredita-se que em rodas de discussão sobre indústria cultural e bens de consumo, apresentar aos grupos a escuta de trechos de rap e interpretação da letra, para que reconheçam a realidade desta cultura, para além do que se passa na mídia.

Neste artigo de revisão bibliográfica fica evidente que a dança é um dos conteúdos relatam ter maior aceitação, as danças urbanas a prática corporal, com diferentes justificativas, que envolvem desde aspectos como a timidez ou relacionadas a questões de gênero. A dança rodeada por esse mito de saber fazer, 'saber ser/saber fazer' perpassa pela vivência prática com qualquer conhecimento da Cultura Corporal, onde as experiências de vida são determinantes para as escolhas a serem realizadas na juventude, onde se sentem mais à vontade os movimentos com os quais já possuem alguma experiência.

Ressalta-se aqui importância em reconhecer as experiências corporais e em dialogar com a realidade social. Os jovens têm grande interesse e se identificam com a cultura hip-hop, que também reconhece as danças urbanas como manifestação contemporânea da juventude.

É preciso compreender que o hip-hop não é só uma dança, não é só uma música e não é só uma forma de se vestir. É um estilo musical ou um estilo de dança, também não pode ser considerado um estilo de vida ou uma moda, um jeito de se vestir como a mídia insiste em apresentá-lo. É preciso destacar

que o hip-hop é um movimento muito maior que tudo isso, é uma cultura, e se encontra num processo de disputa por pertencimento.
Portanto, defender a inclusão das Danças Urbanas e como a arte deve ser tratada implica em defender sua historicidade e suas particularidades para oferecer subsídios para os jovens analisarem sua realidade social, complexa e contraditória, porém, passível de transformações.
Esse olhar crítico é reconhecendo o hip-hop como um movimento sócio-histórico, contextualizando sua presença como cultura de resistência e analisando seu potencial transformador, que vai além de uma simples reprodução de movimentos de dança.

O HIP HOP E O MUNDO DA MODA

Além de influenciar nitidamente o mundo da música, o hip hop também tem influenciado o mundo da moda. Desde seu surgimento, chamou a atenção a forma como os integrantes desse movimento se vestiam, de maneira a influenciar jovens, principalmente os da periferia onde tal movimento se tornava forte por representar resiliência, resistência e principalmente pertencimento cultural.
Na década de 1990, o hip hop consolidou-se como uma das maiores influências culturais do momento, e com isso era inevitável não impactar o mundo da moda, com seu estilo único de se vestir no qual; além de estilo, nos trazia atitude, pertencimento, símbolo e identidade negra.
Além das roupas largas como calças e camisetas e o uso de tênis, muitas vezes coloridos onde chamavam bastante atenção da população, haviam também os acessórios, como as correntes de ouro. Isso representava resistência, liberdade e afirmação cultural das periferias urbanas da época, e essa trajetória veio se consolidando cada dia mais.
Foi o artista Run D.M.C que popularizou o uso de tênis, roupas largas com correntes entre as décadas de 1980 e 1990 fazendo com que o hip hop ficasse visado para as grandes marcas. Uma marca famosa que consolidou o hip hop no mundo da moda foi a Adidas juntamente com cultura urbana e a indústria da moda. Aos poucos, esse estilo de se vestir passou a ser referência internacional no mundo da moda, e o que era visto como estilo periférico, se tornou um estilo universal de vestimenta.
A inserção do movimento no mundo da moda vai além da estética, isso carrega muito significado de pertencimento e significado social, além de trazer bastante visibilidade para grupos sociais considerados marginalizados. O hip hop também está com muita visibilidade no mercado econômico, no qual passaram a criar suas próprias marcas, ocupando seu espaço no mercado e na economia.
Contudo, podemos afirmar que o hip hop não apenas influenciou o mundo da música e da dança, mas também fez parte da evolução no ramo da moda, tendo sua evidência em marcas famosas, como a Nike e a marca Adidas, por exemplo, assim se tornando símbolo do hip hop. E com isso, o movimento ampliou sua conexão entre cultura urbana e o mundo da moda, fazendo com que passasse de apenas um estilo das periferias, para se tornar evidente em vitrines e passarelas de todo o mundo.
Portanto, podemos concluir que o hip hop não apenas influenciou a moda ou o mundo musical, mas ele também se destacou ao trazer suas questões sociopolíticas e redefinindo padrões estéticos e culturais, evidenciando que o estilo veio para ser uma poderosa forma de expressão social.

O RAP E A EDUCAÇÃO

Ao utilizar o rap na sala de aula, o professor consegue conectar a aula com a cultura e realidade dos alunos, e assim; transformar os conteúdos obrigatórios bem mais atrativos. O rap sendo um dos elementos mais importantes do hip hop, torna a aula mais completa; pois trabalha linguagem, ritmo, criatividade e crítica social. Então, pode ser usado para desenvolver a leitura e interpretação de texto, analisar os vários contextos sociais, criar um pensamento sócio crítico, trabalhar figuras de linguagem e estimular a produção da escrita; utilizando rimas, poemas e letras. Podemos perceber claramente como o rap influencia os jovens quando falamos sobre artistas como o Emicida, que mostra como o rap é capaz de atingir esses jovens através da música, abordando temas como educação, desigualdade e identidade

cultural.
Dentro dessa temática, conseguimos diversificar bastante a nossa didática, apresentando propostas significativas para os alunos, como por exemplo, desenvolvendo projetos com criação de letras sobre temas estudado em sala; ou também podemos propor para os alunos participarem de batalhas de rimas criativas ou até mesmo produzir vídeos ou apresentações, e com isso, trazendo mais representatividade e autoestima para os jovens. Ao produzirem suas próprias letras, os alunos conseguem desenvolver várias habilidades, como desenvolver competências de escrita argumentativa, criatividade, oralidade e pensamento crítico.
Percebe-se que o rap é uma produção contemporânea; pois apresenta rimas, oralidade, jogo de palavras e principalmente metáforas. Indo mais além, podemos afirmar que rap é uma forte ferramenta pedagógica ao nosso favor; pois favorece no ensino aprendizagem por ser algo tão completo em termos de estrutura, englobando toda a prática docente.
No campo da Língua Portuguesa e Literatura, por exemplo, o rap pode ser analisado como produção poética contemporânea, apresentando rimas poéticas, metáforas, intertextualidade e forte presença da oralidade.
A utilização do rap como ferramenta pedagógica, encontra respaldo nas concepções de Paulo Freire; pois ao trabalhar letras de rap em sala de aula, o educador valoriza o repertório cultural dos alunos e estabelece uma prática educativa dialógica, partindo da bagagem cultural dos educandos.
Portanto, podemos concluir que o rapa vai além de um estilo musical, ele consegue contribuir muito para o desenvolvimento crítico dos jovens, configurando-se como prática pedagógica alinhada a teorias educacionais que defendem a valorização da cultura popular e a formação crítica dos estudantes. Ao integrar manifestações culturais juvenis ao espaço escolar, a educação torna-se mais inclusiva, democrática e socialmente comprometida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo trazer a evolução do Hip Hop buscando estudar no contexto de onde surgiu até os adias atuais. Este movimento de dança que o traz também como prática corporal, e os locais onde se consolidou apresentam o hip-hop o trazem apenas como um estilo de dança, considerando todos os seus elementos seu contexto como cultura de resistência. Enquanto manifestação cultural, por emergir de um grupo minoritário, marginalizado da sociedade americana, que visava à emancipação do negro periférico, o hip-hop é considerado movimento contra hegemônico, o que pode justificar a ausência de grandes pesquisas, tem poucas pesquisas sobre tema.
Percebemos que seus elementos- o rap, o Dj, o MC, o graffiti e o Breaking- com o passar do tempo, se tornou mais do que um estilo musical, mas se tornou também um apoio á comunidade podendo expressar suas reinvindicações acerca do preconceito racial, desigualdade entre outros fatores que esse movimento enfrenta. Além disso o hip hop tem se expandido muito além do mercado da moda tem se tornado referência nas artes plásticas e em eventos internacionais importantes.
Em síntese, aborda-se nesta pesquisa a maneira mais direta do hip-hop como movimento cultural.
O presente estudo evidenciou a carência de, bem como a falta de aprofundamento teórico com o hip-hop. Há de se considerar que a falta de estudos publicados não significa ausências de propostas culturais, mas é um indicativo importante.
A tematização do hip-hop, para além do gênero musical, deve olhar para os contextos históricos e abrir espaços para a compreensão dos sentidos que os atribuem a essa cultura urbana. Não deve ser tratado como simples reprodução de um gesto ou passo, correndo o risco de desvirtuar os sentidos dessa prática corporal ou de ser apropriado pela indústria cultural.
Conclui-se também que ainda há a necessidade de novos estudos sobre o hip-hop, procurando suprir a carência de referências que demonstrem os diálogos e problematizações nos espaços coletivos das periferias das grandes cidades.
Diante da revisão bibliográfica, podemos considerar que o fato de o hip-hop ser uma manifestação cultural que contempla mui-

tas linguagens (dança, música e artes plásticas) amplia as áreas de conhecimento e linguagens.

Compreende-se a importância da diversidade cultural, com a tematização de manifestações que vão além da simples reprodução de gestos técnicos. Defende-se propostas que procurem olhar para sua historicidade, sentidos e significados, a fim de que o processo da indústria cultural, via mercantilização, não as desvirtue pela massificação.

Além disso, letras de grupos como Racionais MCs abordam temas como racismo estrutural, violência urbana e exclusão social, possibilitando discussões interdisciplinares nas áreas de História, Sociologia e Geografia. Nessa perspectiva, a educação deve favorecer a compreensão crítica das estruturas sociais.

Então, podemos afirmar que a produção autoral de letras pelos próprios estudantes estimula competências como escrita e pensamento crítico social e a escrita argumentativa, proporcionando uma variação de repertório para os jovens e também a valorização da sua própria cultura.

Portanto, o hip hop deve ser reconhecido como um movimento de grande relevância social e histórica. Sua trajetória demonstra a força da cultura como ferramenta de transformação, conscientização e construção de identidade, reafirmando seu papel fundamental na sociedade contemporânea. E com isso, tornou suas características cada vez mais evidentes dando voz e lugar de fala à população marginalizada e; por inúmeras vezes, calada por uma sociedade que os enxergavam com olhos de preconceito e julgamento. Ainda há muito a ser feito, apesar de ter avançado nessa questão, e hoje o hip hop está mais em evidência do que na década de noventa, atingindo sua valorização e respeito pela sua cultura e identidade em vários aspectos.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, Silvia Cristina Franco. Gênero na prática docente em educação física: “meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar”? Estudos Feministas, v.19, n. 2, p. 491-501, mai./ago., 2011. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200012

ALVES, Flávio Soares. A dança break: uma análise dos fatores componentes do esforço no duplo movimento de ver e sentir. Motriz, v.13, n.1, p.24-32, jan./mar., 2007.

ALVES, Flávio Soares; DIAS, Romualdo. A dança break corpos e sentidos em movimento no Hip-Hop. Motriz, v.10, n.1, p. 1-7, jan./abr., 2004.

ARAÚJO, Marília Camargo. As batalhas de Hip-Hop: contribuições para a manifestação criativa de alunos e alunas. In: GAIO, Roberta; PATRÍCIO, Tamires Lima. Dança na escola: reflexões e ações pedagógicas. Curitiba: Editora Bagai, 2021.

BEAT STREET. Direção: Stan Lathan. Produção: David V. Picker, Harry Belafonte. Estados Unidos: Orion Pictures, 1984.

BEIJA, João Victor Cruz. Danças urbanas nas aulas de educação física escolar: entre a cultura juvenil e o cotidiano escolar. 2020. 182f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal da Paraíba, Recife, 2020.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 31 agosto. 2024.

BUOGO, Edmara Cristina Bonetti; LARA, Larissa Michelle. Análise da dança como conteúdo estruturante da educação física nas diretrizes curriculares da educação básica do Paraná.

Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 33, n. 4, p. 873-888, out./dez., 2011. Disponível em http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/811. Acesso em: 31 agosto. 2024.

CAMPOS, Cristina Maria. Rua e escola: o Hip Hop como movimento porta voz dos sem vez. 2007. 149f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campi-

nas, 2007.

CARVALHO, Celso. Construção de significados e legitimação de discursos: o currículo da rede estadual de ensino de São Paulo. EccoS – Revista Científica, São Paulo, n. 41, p. 45-59, set./dez., 2016. DOI: https://doi.org/10.5585/eccos.n41.7089

CEDRAN, Paulo César; MARTINS, Chelsea Maria de Campos de; LIGEIRO, Dulcinéia Conceição. Motivação na educação física escolar: relatos da prática docente junto aos alunos da 3ª série do ensino médio da rede estadual paulista. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, v. 11, n. esp.1, p. 395–405, 2016. DOI: https://doi.org/10.21723/ RIAEE. v11.esp.1. p395

CHULTZ, G. M. Danças urbanas na escola: uma experiência com a Cultura Hip Hop dentro do Colégio Estadual Júlio de Castilho. Rascunhos, v. 3, n. 2, p. 76 83, dez. 2016. DOI: https://doi.org/10.14393/issn2358-3703.v3n2a2016-08

CLAUDINO, Igor de Freitas; ZANOTTO, Luana. Ensino de dança de salão na educação física escolar: a orientação sexual em foco. Educación Física y Ciência, v. 22, n. 4, out./ dez. 2020. DOI: https://doi.org/10.24215/23142561e151

CORREIA, Adriana Martins; SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da; FERREIRA, NildaTeves. Do racha na rua à batalha no palco: cenas das danças urbanas. Motrivivência, v. 29, n. 50, p. 213-231, mai. 2017. DOI: https://doi.org/10.5007/2175-8042.2017v29n50p213

CRELIER, Cátia Malaquias; SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da. Africanidade e afrobrasilidade em Educação Física Escolar. Movimento, v. 24, n. 4, p. 1307-1320, out./ dez., 2018. DOI: https://doi.org/10.22456/1982-8918.81656

FARIAS, Alison Nascimento; IMPOLCETTO, Fernanda Moreto. Livro didático e as tecnologias de informação e comunicação: perspectivas para a Educação Física escolar. Revista de Educação PUC-Campinas, v. 25, p. e204572, 2020. DOI: https://doi. org/10.24220/2318-0870v25e2020a4572

FLASHDANCE. Direção: Adrian Lyne. Produção: Jerry Bruckheimer, Don Simpson. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1983.

GOMES, Isabelle Sena; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as Ciências do Movimento Humano. Movimento, v. 20, n. 1, p. 395-411, jan./mar. 2014. DOI: https://doi.org/10.22456/1982-8918.41542

LOUREIRO, Marcus Wagner Antunes; MOREIRA, Kênia Hilda. Livros didáticos de educação física: um balanço da produção acadêmica. Educação e Pesquisa, v. 46, e205233, 2020.DOI: https://doi.org/10.1590/s1678-4634202046205233.

NASCIMENTO, Carolina Picchetti. Os significados das atividades da cultura corporal e os objetos de ensino da Educação Física. Movimento v. 24, n. 2, p. 677-690, abr./jun., 2018. DOI: https://doi.org/10.22456/1982-8918.77157

NEIRA, Marcos Garcia. A seleção dos temas de ensino no currículo cultural da Educação Física. Revista Educación Física y Deporte, v. 32, n. 2, p. 1421-1430, 2013. Disponível em: https://repositorio.usp.br/directbitstream/0efd84c6-e989-4c6f-ad44-041f6e94dbda/A%20 sele%C3%A7%C3%A3o%20dos%20 temas%20de%20. Acesso em: 01 agosto. 2024.

NOGUEIRA, Valdilene Aline; MALDONADO, Daniel Teixeira; SILVA, Sheila Aparecida Pereira dos Santos; FREIRE, Elisabete dos Santos; MIRANDA, Maria Luiza de Jesus. Práticas corporais e Paulo Freire: uma análise sobre a produção do conhecimento. Movimento, v. 24, n. 4, p. 1265-1280, out./dez. 2018. DOI: https://doi.org/10.22456/1982-8918.85020

OLIVEIRA, Ingrid Patrícia Barbosa de; BATISTA, Alison Pereira; MEDEIROS, Rosie Marie Nascimento de. Educação física e a linguagem do hip hop: um Diálogo possível na escola. Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, v. 12, n. 2, p. 166- 189, abr./jun. 2014. DOI: https://doi.org/10.20396/conex.v12i2.2175

PINTO, Fábio Machado; BASSANI, Jaison José; FERNANDEZ VAZ, Alexandre. Sentidos das práticas corporais fora da escola para alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 34, n. 4, p. 909-923, out./dez. 2012. DOI: https://doi.org/10.1590/S0101-32892012000400008

ROCHA, Janaina; DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patrícia. Hip Hop: a periferia grita. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.